

# Sabedoria e amor... Regionalismo e internacionalismo

## da pátria

### Resposta a José Dias Sancho

III

DIAS SANCHO, PREZADO AMIGO:

**A**MIGO E CAMARADA: A razão suprema é a razão de Humanidade. As pátrias estão sobejamente arruinadas para que tenham alguma coisa a perder. Discute-se cinicamente se há ou não interesse em fazer a guerra, conquistar, matar, pilhar... se a nação vencedora lucra ou não com essa linda moralidade ou se ao contrário, já não vale a pena fazer isso!

Numa sociedade em que tudo se falsifica e falseia, em que tudo se compra e tudo se vende, em que o interesse de um indivíduo é oposto ao interesse do outro indivíduo... não há pacifismo possível... Todas as tentativas nesse sentido — aliás sinceras — dentro da actual organização capitalista, hão-de necessariamente fracassar. O egoísmo burguês vendo fugir-lhe dia a dia o terreno, alarmado com o pensamento pacifista, procura todos os argumentos para iludir o povo ignorante. Falamos em perigos de várias cores: amarelo, vermelho, etc.; procura assustar-nos com o perigo alemão, e até já se mostra assustado com o perigo... *pacifista!*

Penso que não há motivo para tais sustos porque todos os perigos, reais ou imaginários, da sociedade actual, se resumem num só: o perigo burguês, o perigo do «isto é meu» da propriedade privada, o perigo monstro que assola o mundo que trabalha e quer ter o direito de viver...

Não há pátrias a defender. Há o direito à vida e à liberdade que é inviolável e sagrado para todos os seres humanos, e esse direito defende-se respeitando a vida e a liberdade dos nossos semelhantes, em vez de os explorar e roubar e de se deixar estragar produtos alimentícios para se não venderem por preço acessível aos mais pobres...

O verdadeiro indesejável, para mim, é o *patriota* que defende a guerra (esse monstro infame) ou o desvairado que num impulso de loucura fere e mata sem saber o que faz! Ambos estão atacados dum boa dose de estupidez, para não dizer: ¡malvadez!

ÁBILOS

ma, arrastando a multidão, com a especulação de sentimentos eternos de piedade, como sejam; a idea da fome, os filhos em perigo e os maus tratos infligidos a uma mulher indefeza e esfo-meada.

Pois este modo de caluniar os trabalhadores, sob a forma sugestiva de uma emoção artística, é freqüente, e os operários não dão por ela, ou quando disso se apercebem, não sabem ou não se lembram da absoluta necessidade de uma desafiada, inutilizando uma forma de propaganda, a que se deve o atraso, e até a falta de expansão das ideias que têm vindo expendendo...

Mas os operários, na sua maioria, teimam em colocar a arte à margem das suas preocupações.

EDUARDO FRIAS

... O regime do dinheiro é o regime do egoísmo ferós do homem contra o homem; é o regime da fraude, da usurpação estúpida e da destruição mais ou menos lenta ou violenta! — ÁBILOS

**D**EPOIS de meus dois anteriores e ligeiros ensaios sobre regionalismo, resta — não porque o assunto se esgotasse totalmente, mas sim porque eu quis dele frisar apenas os pontos essenciais — um último aspecto:

¿Tem o regionalismo tendência para subsistir na nossa época e futuramente?

Não. Sabe-o muito bem o seu culto espírito. E nem sequer fui eu quem o condenou à morte... Já vim encontrar, quando cheguei com meu sonho e com meu anseio de ineditismo, a sua certidão de óbito afixada à porta do tribunal literário...

Ele morrera entre o realismo e o naturalismo, morrera asfixiado por essa enfadonha nuvem de gafanhotos, que eram os pormenores naquelas escolas. Foi de-certo um grande período, esse em que viveu o regionalismo, embora o triunfo criador pertencesse de facto ao realismo, do qual o primeiro era mera consequência.

A verdade, embora convencional como na Arte há-de ser sempre, teve um papel primordial nessa escola e veio desdobrando-se, com maior amenidade, até ao naturalismo. A reacção dos espíritos líricos e dos últimos apóstolos do romantismo não conseguiu deter a escola triunfante. O célebre «manifesto dos cinco», a propósito de «A Terra», de Zola, foi ainda um sintoma inútil dessa reacção, embora em seus autores imperasse mais o despeito do que uma nobre estética literária. Zola e seus imitadores internacionais caminhavam gloriosos por entre todos os inimigos, que pouco a pouco iam quedando, vencidos, sob o pó do caminho. E com os triunfadores marchava o estandarte da Verdade na Literatura. E iam também os homens que amavam o arabesco — e foram esses que animaram, querendo ser mais verdadeiros do que a Verdade, o regionalismo.

E as églogas virgilianas, límpidas, cristalinas, foram substituídas por uma prosa charra, cheia de objectividades, uma prosa complicada, rústica e todavia pretenciosa.

O que os grandes mestres do naturalismo haviam feito para se aproximar da Ciência, trabalho naturalmente fastidioso e de resultado literário pouco brilhante e duradouro, fizeram-no os regionalistas, no que dizia respeito a expressão verbal de anónimos logarejos e a personagens cujas almas não tinham beleza, anseios, dor e profundidade universal.

E ao fim ainda resta esta pergunta: ¿Essas figuras pueris, de pueris preocupações, de

mesquinhas ambições, serão, de facto, assim como o autor A. ou X. no-las apresenta?

Sobre a própria «Terra» de Zola, que não tem, aliás, pretensões regionalistas, diz a condessa de Pardo Basan, no seu livro «Le Naturalisme»:

«Não serão os labregos modelos de pulcritude, mas, a julgar pelos que conheço — e são de um país menos adiantado — não falam nem procedem como quer Zola.»

Todavia Zola foi um fecundador de beleza universal, foi o último renovador de toda uma literatura. ¿Que dizer, pois, dos outros, daqueles que em vez dum soneto piegas ao campanário da igreja local, se dedicaram a *fixar* tipos, expressões e cenários de sua aldeia nativa, sem culto pela beleza universal? O regionalismo foi primeiro um pretenciosismo literário e conjuntamente a impotência de alguns literatos em fecundar obra de mais largos horizontes; e depois foi indústria. Sim, indústria. Essa preocupação que muitos escritores tiveram em descobrir «tipos regionais», estudando os costumes da região, foi indústria que deu muito dinheiro em França e que deu também em Portugal — porque ligado à literatura ia nesses livros um sentido patriótico, rático, agradável ao burguês que foi aldeão ou que teve campônios nos seus antepassados. Esses livros *lisonjeavam* até os defeitos de língua, as expressões mais rústicas, menos musicais, menos literárias.

Esses livros, como não podia deixar de ser, tiveram e têm um êxito meramente local ou nacional — e não passarão a fronteira dos países nem a dos séculos. Eu continuo a insistir que de todos os regionalistas, um há apenas que teve um aplauso internacional e que será lido talvez nos dias que hão-de vir — Mistral. Os outros que V. citou, meu caro Dias Sancho, isto é, aqueles que exploraram episódicamente o «bárbaro» na Literatura, não podem ser tomados como regionalistas. E' necessário que não se confundam estas duas coisas. E aqui estou eu, que escrevi a *Carne Faminta* — e cujas palavras de louvor para esse meu trabalho V. teve no seu último artigo «pró-regionalismo», eu aproveito a oportunidade para agradecer — aqui estou eu, que escrevi a *Carne Faminta*, com «termos, até, do país», como V. salienta, e que vou principiar a escrever uma nova novela passada ante o mesmo cenário bárbaro, a combater o regionalismo.

¿Incoerência? Não. Os meus personagens têm uma alma universal e universais são ainda suas angústias, seus sentidos e seus anelos.

## A'S URNAS PELA U. I. E!



— Os políticos exploram-nos desalmadamente.



— Os exagerados impostos encarecem os produtos e produzem a crise de trabalho.



— O pobre povo vive mal, os seus filhos morrem de fome.



— Mas isto não pode continuar assim. E' preciso impormo-nos aos políticos.



— Para evitar o mais social que a todos nos aflije...



— E' necessário produzir e não politizar. E' preciso trabalhar uma hora mais!

# Deus

III

## A vida: transformação constante

**E'** indiscutível que, biologicamente, tudo muda incessantemente; eu, que isto escrevo, posso afirmar que não sou hoje o que era hontem, o que era esta manhã: alguma coisa no meu corpo mudou, modificou-se neste intervalo.

Não resta dúvida, porém, — porque os factos até hoje o têm demonstrado — que há de ser muito difícil conseguir a medição rigorosa das modificações que o sentimento e o pensamento provocam no ser humano. Ainda se não conseguiu medir as modificações realizadas no cérebro quando o homem pensa.

## Dependência íntima entre o espírito e a matéria. Todo o fenómeno psíquico corresponde a um dispendio de energia

¿ Há correspondência entre o pensamento e o trabalho? Isto é: ¿ os fenómenos da alma têm equivalente mecânico? ¿ pode o homem pensar, exercer uma vontade sem gastar qualquer energia mecânica ou química?

Creio que não. (1)

Por exemplo: quando fazemos um demorado trabalho de cérebro, sentimo-nos fatigados, e efectua-se uma reacção química em nosso organismo a ponto de poder alterar a composição de certas secreções e do próprio sangue. Isto é mesmo intuitivo no vulgo. Quantas vezes se diz, a propósito da dificuldade, da demora, do penoso, etc., etc., de certas locubrações espirituais: *Isto faz-me o sangue ruim!*

A acção da alma é imperfeita se o cérebro está defeituoso; basta que ele esteja obliterado pelos vapores do alcool; que se encontre doente ou que o sangue, desviado para outras funções, por exemplo, o trabalho digestivo, não afluia ao crâneo em dose suficiente.

A alma faz parte da matéria; é-lhe inerente; existe em todo o Orbe.

A ciência prova que ela existe entre os animais, mesmo nos organismos rudimentares. (2)

A ontogenia e a anatomia comparada, por um lado, e a psicologia comparada por outro, mostram-nos, não só a evolução do cérebro e da alma, como a relação íntima entre elles; de forma que uma, é função do outro; e o desenvolvimento daquela corresponde ao desenvolvimento deste. No estado actual da ciência, temos de concluir que a alma não é, realmente, privativa do homem. Descobrem-se vestígios muito impressionantes na vida social das abelhas, (3) das formigas, duma actividade psíquica rudimentar ou talvez mais perfeita do que a nossa... ¿ Quem sabe? Esses vestígios notam-se até no dizer de certos sábios, (4) nos protistas unicelulares, nos infusórios e nos risópodos. Essa alma unicelular é, como a nossa, uma soma de sensações, de ideias, de actos de vontade; não sendo o pensamento, a vontade, as sensações da alma humana, mais que o desenvolvimento daquelas. (5)

A ligação íntima entre a matéria e o espírito,

E ainda quando num deles vibra uma alma, já não digo local, mas nacional, como num dos personagens da "Peregrina do Mundo Novo", essa alma é fixada apenas para contrastar duma outra vibrante de internacionalismo.

O cenário, em mim, como nesses escritores que fixam dramas bárbaros, tem o condão de explicar esses dramas perante o mundo — mas o drama por si só é já bastante mundial. Não confundamos, pois. Não confundamos sequer regionalismo com primitivismo. Não demos ao regionalismo essa amplitude que V. lhe dá, meu caro José Dias Sancho. Dentro dessa amplitude, V. de facto tem razão em todos os seus argumentos. Simplesmente, o regionalismo é que é mais estreito, menos amplo. Ou então está errada toda a crítica que se tem feito, mesmo a crítica que louva a essa manifestação literária.

E note que eu combato apenas o regionalismo na Literatura — na Literatura que tem por base o aprofundamento de almas, o estilo, a expressão verbal...

Nos outros ramos da arte, como no bailado — e especialmente neste — o regionalismo tem um papel diferente, porque sua beleza já pode deslumbrar, já pode ser sentida universalmente.

Quanto à existência do regionalismo, discutil-a hoje é discutir a existência dum espectro.

Só os escritores que trazem os relógios atrazados se dedicam ainda a tal tarefa literária.

O regionalismo pode ter cultores e até cultores de talento no fim do século passado — nesses anos de quietude, nesses anos extáticos que meditaram os inventos hoje triunfantes, as ideias hoje em luta — a vida enfim que só agora se principia a viver.

Nesse tempo, sob a preocupação de verdade, de objectivismo, que dominava aos intelectuais mais gloriosos, o regionalismo, embora muitas vezes por um exagero daquela verdade já exagerada, se não se explicava muito bem tolerava-se epao menos.

Mas hoje, meu amigo, que as concepções daquele tempo se tornaram realidades ou estão prestes a sê-lo, o regionalismo é sinónimo de monotonia — e capaz de fazer adormecer à própria insónia.

E nós, meu caro José Dias Sancho, necessitamos de ser da nossa época — quando não possamos ser do futuro.

¿ Regionalismo num momento em que todo o mundo vibra sob novos ritmos, num momento em que as cidades esgotaram todas as suas habitações, invadidas como são constantemente por falanges de provincianos, ansiosos de vida tumultuosa, dessa vida internacional que se vive nas cidades?

A própria verdade na literatura tem hoje novas expressões.

Marcel Proust faz bocejar senão é lido por profissionais da literatura, por gente que se preocupe sobretudo com a revelação...

E o "Manifeste du surréalisme", de Breton, principia assim: "Tant va la croyance à la vie, à ce que la vie a de plus précaire, la vie réelle, s'entend, qu'à la fin cette croyance se perd"...

E também o "surréalisme" não triunfou nem podia triunfar.

Deixo-me, meu caro José Dias Sancho, de mais considerações sobre o assunto. Ele difficilmente terminaria, de tam complexo que é. Da esquadra dos argumentos, que se conservem para outra oportunidade os cruzadores que ainda não torpedeei... Abraça-o o seu amigo e admirador

FERREIRA DE CASTRO

... Camilo Flamarión calcula em 1.200 milhões o número de vítimas da guerra desde o começo do período histórico Asiático ou Europeu, sejam aproximadamente quarenta milhões de homens por século, mil e cem por dia, quasi um por minuto. — (De *A Dor Universal*, por SEBASTIÃO FAURE).

(1) Vide Gustavo Le Bon: *Evolução Geral da Vida*.

(2) Haeckel: *Enigmas*.

(3) «O Padre Roque» de Mota Prego.

(4) Haeckel, por exemplo.

(5) O padre Santos Farinha procura refutar esta doutrina em «*Origem da Vida*», mas... não o consegue apesar de denegrir Haeckel...

rito, a dependência recíproca entre eles é, a meu vêr, flagrante e indiscutível.

Sem oxigénio, o homem não pode pensar e o maior genio, para existir, precisa indispensavelmente de viver dentro dum corpo e só por intermedio dele pode manifestar-se. Se um excesso de bebida, de refeição; se a embriaguez impede que o homem raciocine com a mesma lucidez com que o faz quando em estado normal, também um esforço do pensamento perturba o bom andamento duma digestão, transtorna o equilibrio das funções fisiológicas e pode mesmo causar a morte.

Além disso, é necessário não perder de vista outra circunstância: a dependência do que se chama a *alma* não se refere só ao corpo: há outra coisa de que a alma depende: — o *meio ambiente* — sem o concurso do qual, todas as actividades biológicas, inclusive as manifestações psíquicas, não podem realizar-se.

Nenhum homem, por mais genial, alcançaria produzir o que quer que fôsse *sem a cooperação do meio ambiente*. Sem ar, sem luz, sem calor, sem água, etc., o espirito mais poderoso, a alma mais activa, é zero!

Há, pois, uma inter-dependência absoluta entre a matéria e o espirito; entre o corpo e a alma.

## Fora da Natureza, nada se pode demonstrar

Ora a observação profunda dos fenómenos tendo-nos revelado, quanto ao funcionamento da máquina humana, que elle é o resultado duma cooperação *constante* do ambiente com o corpo; duma *perene* transformação no interior do animal vivo; duma *permuta incessante* entre os elementos internos e os elementos externos, ¿ como admitir que, *fora de tudo isto*, haja alguma coisa de livre, activa, dinâmica, absolutamente independente, *existindo só por si*, cujo papel é *dar vida, movimentar* a seu belo capricho, a todo o maquinismo do Cosmos, inclusive o maravilhoso maquinismo humano? e, admitindo-a, ¿ como provar a sua realidade científica?

JOSÉ CARLOS DE SOUSA

... O ouro e a prata representam a vida, a inteligência e a virtude comerciais. Um cofre cheio de espécies é uma arca santa, uma urna mágica a oferecer aos que têm o poder de lhe meter as mãos, saúde, riqueza, prazer e glória.

Se todos os produtos do trabalho tivessem o mesmo valor de troca, como o dinheiro, todos os trabalhadores gosariam das mesmas vantagens que os assambarcadores daquele metal; todos possuiriam na sua faculdade produtora uma fonte inexgotável de riqueza. Mas a religião do dinheiro não pode ser abolida, ou, para melhor dizer, a constituição geral dos valores só pode operar-se por um esforço da razão e da justiça humana. Até que tal suceda, é inevitável que, assim como numa sociedade civilizada a posse do dinheiro é o sinal certo da riqueza, assim também a privação do dinheiro seja um sinal quasi certo da miséria. Sendo pois o dinheiro o único valor com o cunho de social, a única mercadoria contrastada que tem curso no comércio, é evidentemente, como razão geral, o ídolo do género humano. Como a imaginação atribue ao metal o que é um efeito do pensamento colectivo manifestado pelo mesmo metal, todo o mundo, em vez de procurar o bem-estar na sua verdadeira fonte, isto é, na socialização de todos os valores, na criação incessante de novas figuras monetárias, tem-se ocupado exclusivamente em adquirir dinheiro e mais dinheiro e sempre dinheiro. — PROUDHON

